

Língua e discursividade na tradução do literário

Language and discursivity in literary translation

Jarbas Vargas Nascimento 

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC SP – São Paulo – Brasil

Paulo Garcia de Almeida 

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC SP – São Paulo - Brasil



Resumo: Data de 1943-1944, o período de produção do discurso literário *Animal Farm*, de George Orwell, traduzido do inglês para o português, primeiramente, por Heitor Aquino Ferreira, em 1964, com o título de *A Revolução dos Bichos*. A tradução possibilitou aos leitores, usuários do português, o acesso a um discurso de posicionamento revolucionário, textualizado por meio do gênero literário fábula e por estratégias linguístico-discursivas, advindas da competência discursiva do tradutor. Com isso em vista, este artigo tem por objetivo examinar em *Animal Farm* e em *A Revolução dos Bichos*, a forma como o autor e o tradutor se posicionam culturalmente no funcionamento discursivo. Objetivamos, ainda, verificar o modo como as condições sócio-históricas e linguístico-culturais dialogam no regime da produção e da tradução. Para fundamentar nossa análise, recorreremos aos Estudos da Tradução, conforme Venuti, (2002) e Lefevere (1992) em diálogo com a Linguística, particularmente, à Análise do Discurso de linha francesa (AD), na perspectiva enunciativo-discursiva proposta por Maingueneau (2007, 2015, 2018). Assim, colocamos em paralelo a produção original e a tradução, observando a dimensão linguístico-discursiva e o confronto de posicionamentos. Os resultados deste estudo revelam que os discursos literários *Animal Farm* e *A Revolução dos Bichos* não se constituem somente em um espaço de confrontos estético-políticos, mas também um lugar onde o tradutor se coloca em relação de concorrência cultural com o autor, principalmente, pelo investimento no código linguageiro, entendido como registro desigual de posicionamentos socioculturais, revelados por meio das respectivas condições sócio-históricas de produção e de tradução.

Palavras-chave: Estudos da Tradução. Análise do Discurso Literário. *Animal Farm*. *Revolução dos Bichos*.

Abstract: The literary discourse entitled *Animal Farm* was written between 1943 and 1944, and firstly rendered to Portuguese in 1964, by Heitor Aquino Ferreira, being labeled in Brazil as *A Revolução dos Bichos*. Such rendering allowed Portuguese speakers to approach to a revolutionary discourse, textualized into a fable through some linguistic and discursive strategies stemmed from the translator's discursive competence. In that respect, the article presented herein aims to analyze how author and translator culturally established themselves in the discourse functioning constituted in *Animal Farm* and *A Revolução dos Bichos*. Furthermore, it seeks to investigate how social-historical and linguistic-cultural conditions are related to the production and translation of a narrative. The further analysis is based on the theoretical framework of Translation Studies, in accordance with Venuti (2002) and Lefevere (1992), and on the French Discourse Analysis theories, according to Maingueneau's enunciative-discursive perspective (2007, 2015, 2018). The source text and its translation, therefore, are contrasted in observance of their linguistic and discursive dimensions and their confronting ideologies. The conclusions herein reached reveal that the literary discourses *Animal Farm* and *A Revolução dos Bichos* do not simply constitute a locus of political and aesthetical confrontation, but also a locus where the translator culturally vie with the author of the source text through discursive investments in the language code, conceived as an uneven record of socio-cultural positionings, revealed throughout their social-historical conditions of production and translation.

Keywords: Translation Studies. Literary Discourse Analysis. *Animal Farm*. *A Revolução dos Bichos*.

1. Introdução

O presente artigo tem por objetivo examinar em *Animal Farm* e, em sua tradução, *A Revolução dos Bichos*, a forma como o autor e o tradutor se posicionam no funcionamento discursivo. Objetivamos verificar, também, o modo como as condições sócio-históricas e culturais interferem no regime da produção do texto-fonte e da tradução. Data de 1943-1944, o período de produção do discurso literário *Animal Farm*, de George Orwell, traduzido do inglês para o português, em 1964, por Heitor Aquino Ferreira. A tradução possibilitou aos leitores, usuários do português, o acesso a um discurso crítico-literário, que revela um posicionamento revolucionário, textualizado por meio do gênero literário fábula e por estratégias linguístico-discursivas provenientes da competência discursiva do tradutor.

Para fundamentar nossa análise, recorremos aos estudos da Teoria da Tradução, conforme Venuti (2002) e Lefevere (1992) em interdisciplinaridade com a Linguística, particularmente com a Análise do Discurso de linha francesa (AD) na perspectiva enunciativo-discursiva proposta por Maingueneau (2007, 2015, 2018). A interdisciplinaridade entre a Linguística e os Estudos da Tradução mostram-se produtivas teórica e metodologicamente, uma vez que ambas as disciplinas operam as dimensões da linguagem e do texto no tratamento dos eventos estético-culturais. Além disso, a interface entre Linguística e Tradução pode revelar novas possibilidades de investigação sobre o literário.

Partimos da premissa de que o discurso literário *Animal Farm* e sua tradução *A Revolução dos Bichos* não se constituem somente um espaço de confrontos linguístico-estético-políticos, mas também um lugar onde o tradutor se coloca em relação de concorrência cultural com o autor. As manifestações socioculturais, em ambos os discursos, refletem no aspecto comunicacional e no investimento no código linguageiro, entendido como registro de determinados posicionamentos culturais, revelados por meio das respectivas condições sócio-históricas de produção e de tradução. Para nós, embora *Animal Farm* e *A Revolução do Bichos* se caracterizem por

particularidades enunciativas próprias, esses dois discursos se articulam de acordo com as suas condições sócio-históricas e culturais de cada produção, para produzirem efeitos de sentido estéticos.

Nossa posição teórico-metodológica sobre o estudo que propomos, permite-nos afirmar que o papel do tradutor no processo tradutório e a forma como o texto é traduzido podem incorporar novos efeitos de sentido, dependendo das escolhas assumidas pelo tradutor e pelas equivalências lexicais do inglês e do português. Por vezes, uma nova articulação dos enunciados, diferente da apresentada no texto original, faz com que a tradução altere, introduza ou exclua posições ideológicas e culturais opostas ao texto original.

2. Condições sócio-históricas de produção do discurso *Animal Farm* e de sua tradução, *A Revolução dos Bichos*

Na perspectiva discursiva que escolhemos para organizar esse artigo e fundamentar nossa análise, a noção de *condição sócio-histórica de produção* é relevante, pois tanto o discurso de Orwell quanto o de Ferreira foram afetados por seus posicionamentos como autores e pelas condições socioculturais em que esses discursos foram produzidos. Reforçam a pertinência desse conceito Schermack & Freitas, quando afirmam que as condições sócio-históricas de produção envolvem

os sujeitos, a situação discursiva (as circunstâncias da enunciação, o aqui e o agora do dizer, o contexto imediato; o contexto sócio-histórico ideológico), a memória discursiva, o interdiscurso. O contexto imediato e o sócio-histórico ideológico estão separados, a fim de explicação, pois na prática discursiva eles são indissociados. (SHERMACK; FREITAS, 2012, p. 51)

Soma-se, ainda, o fato de que o conceito de condições sócio-históricas de produção deve ser apreendido como condicionador e transformador da realidade a qual ele abrange, conforme Maingueneau & Charaudeau (2020). Nesse sentido, a tradução torna-se um processo subordinado à ideologia e ao impulso de uma determinada sociedade, presente em

certo período histórico (LEFEVERE, 1992 apud SHUTTLEWORTH; COWIE, 2014, p. 141-142). Com base nesses aspectos, conseguimos proceder, com mais precisão, à análise dos recortes dos discursos de Orwell e de Ferreira, que constituímos como *corpus*.

2.1 George Orwell e *Animal Farm*

George Orwell, pseudônimo de Eric Arthur Blair, nasceu em 25 de junho de 1903, em Bengala, na Índia. Por ser filho de Richard Walmesley Blair, um oficial da administração colonial britânica, e de Ida Mabel Limouzin-Blair, uma mulher de classe média, descendente direta de um francês afortunado, Eric Blair não viveu muito tempo em seu país natal, devido ao trabalho do pai.

Aos 5 anos, Blair teve seu primeiro contato com o mundo escolar. Com a ajuda de um tio, bastante conhecido, Blair foi matriculado em um colégio interno, onde deu os primeiros passos como escritor, publicando seu primeiro poema, *Awake young man of England*. Em 1917, aclamado por um olheiro, que lera e gostara de seus textos, o autor ganhou duas bolsas de estudos, conforme nos aponta Pessoli (2008). A vida de Blair, porém, não foi nada profícua no internato inglês, onde estudara.

Em 1928, atraído pela vida boêmia de Paris, o escritor, George Orwell passou a viver como sempre almejou. Escreveu artigos para jornais, como o *Le Monde*, alguns contos e, por vezes, alguns romances, mas todos foram recusados pelos editores, sem motivos explícitos, segundo os estudiosos de sua biografia. Orwell produzia muitos textos, mas, por não serem publicados, não recebia remuneração. Por isso, em 1929, retornou a Londres, onde passou a lecionar e a trabalhar em uma livraria, sem desistir de continuar sua carreira como escritor.

Na Inglaterra, Orwell entrou em contato com pessoas de classe social mais baixa, que lhe serviram de inspiração para produzir novos textos. Essa experiência permitiu-lhe escrever seu primeiro ensaio *The Spike*, e seu primeiro livro, *Down and Out in Paris and London*, que se tornaram sucesso de vendas. Seguiram a essas publicações o livro *Burmese Days*,

publicado em 1934, e *A Clergyman's Daughter*, lançado em 1935.

Conhecido como pró-socialista devido à convivência com os mais pobres em Paris e em Londres (ORWELL, 2007, p. 141-142), o escritor sempre sonhou com uma sociedade mais justa e igualitária, pautada em programas governamentais democráticos e efetivos de distribuição de renda. Nesse período, Orwell, então, começou a refletir sobre os efeitos do socialismo soviético no movimento socialista no Ocidente. No prefácio assinado por ele à primeira edição de *Animal Farm* para a língua ucraniana, Orwell afirma que

via poucos indícios de que a URSS estivesse avançando na direção de algo que se pudesse chamar de socialismo. Pelo contrário, ficava chocado diante dos sinais claros de sua transformação em uma sociedade hierarquizada, em que os governantes não têm mais razão de desistir do poder que qualquer outra classe dominante. (ORWELL, 2007, p. 144)

Nessa conjuntura, sua decisão foi denunciar o “mito soviético numa história, que fosse fácil de compreender por qualquer pessoa e fácil de traduzir para outras línguas” (ORWELL, 2007, p.145). Na verdade, Orwell buscava apontar que Stalin, investido de grande poder pela sociedade soviética, havia se tornado um totalitarista e não um governante socialista (ORWELL, 2007). Essa foi a semente para a criação do discurso *Animal Farm*, que só veio a ser efetivamente escrito, em 1943, quando Orwell se deparou com um pequeno garoto que, com chicote, agredia um cavalo de grande porte e supôs que, se o cavalo tomasse consciência de sua força e se revoltasse contra o dono, o garoto não teria a menor chance perante o animal. “A partir desse ponto, não foi difícil elaborar o enredo”. (ORWELL, 2007, p.146)

Inicialmente, a fábula escrita por Orwell foi recusada e censurada por agentes dos governos inglês e estadunidense porque, embora apreendida com simpatia por muitos compatriotas, Stalin era uma figura a ser exaltada e não criticada como ocorre na fábula. A recepção da obra de Orwell transfigurou-se com a divisão do território alemão, após o término da Segunda Guerra Mundial, quando se iniciaram as lutas entre os Estados Unidos e, a então, União Soviética.

De acordo com Pen (2020), sem motivos explícitos, a CIA, serviço de inteligência dos Estados Unidos, visando a reforçar ideais antissocialistas, passou a subsidiar a impressão da fábula de Orwell. No entanto, ao investirem nela, propuseram efeitos de sentido diferentes daqueles materializados textualmente por seu autor. O efeito da crítica ali presente não mais se dirigiria a Stalin, mas incidia sobre o socialismo.

2.2 Heitor Aquino e A Revolução dos Bichos

Oficial do Exército Brasileiro pela Academia Militar das Agulhas Negras e assistente de Golbery Couto, General criador do Serviço Nacional de Informação (SNI), o tenente Heitor Aquino Ferreira viveu e atuou profissionalmente em um período de extrema polarização do mundo. Nessa conjuntura polarizada e inserido no bloco de ideologia capitalista, comandado à época pelos Estados Unidos, o Brasil se via diante de uma batalha sem armas de fogo. Para muitos, era preciso combater o comunismo e, para isso, não lhes faltaram meios para fazê-lo. A elite brasileira fundou o Instituto Nacional de Pesquisa e Estudos Sociais (IPES ou IPÊS), parte integrante do SNI, onde servia Heitor Aquino Ferreira. Os motivos para a criação desse instituto eram analisar as propostas dos líderes da nação, o que não passava de um simples engodo. Na verdade, essa movimentação serviu de pretexto para o Golpe de 1964. Por meio da instauração de um discurso anticomunista em todos os âmbitos culturais e sociais do Brasil, como na propaganda e na literatura, procurava-se destituir o presidente e legitimar a ditadura militar (CARVALHO, 2007; DEUSDARÁ, 2007; PEREIRA, 2013).

Constituído originalmente em novembro de 1961, o instituto, mais conhecido pela sigla IPES ou IPÊS, foi uma das mais bem-sucedidas e organizadas máquinas de propaganda ideológica da história do Brasil. [...] [Funcionou com base em uma aliança profunda com os militares, sobretudo a elite formada pela Escola Superior de Guerra; estabeleceu presença no Congresso; recebeu colaboração de um grupo diligente de intelectuais, técnicos e burocratas, e manteve relacionamento privilegiado com a maioria dos órgãos de imprensa, do rádio e da televisão. (PEN, 2020, p. 138-139).

O exército, também insatisfeito, logo se uniu à ala direitista e movimentou-se. Em 31 de março de 1964, reconheceu-se o período militar no Brasil e, em 14 de abril, assumiu a chefia de Estado o general Humberto Castelo Branco. Como hoje se sabe se, de início, o governo militar se enunciava passageiro, visto que seu único objetivo seria livrar o país do comunismo, com o passar do tempo, ele se mostrou perdurável. Segundo Moraes (2003), o Brasil não mais respirou ares democráticos até 1985, quando Ernesto Geisel deu lugar a José Sarney, o primeiro presidente civil em 21 anos.

2.3 O texto original e o tradutor: uma relação de múltiplas facetas

Entender o ofício e conseguir explicá-lo em palavras concretas revelam a enorme barreira imposta àqueles que se propõem a enfrentar a laboriosa tarefa de traduzir um texto literário de uma língua-fonte para uma língua-meta. Contudo, nos dias atuais, em virtude da expansão da globalização, essa questão tomou dimensões nunca antes vistas, pois cresceu a necessidade de traduções, ensejadas pelas redes de conexões.

Assim, em função de constantes solicitações, passou-se a demandar de tradutores uma visão ampla das diferentes culturas existentes e, consequentemente, sobre a própria tradução. Na década de 1980, frente à impetuosidade intelectual do momento, instaurou-se, na academia, o campo dos Estudos da Tradução, como ramo independente dentro dos estudos da Linguagem. Diversas foram as indagações feitas por pesquisadores, que intencionavam teorizar sobre o campo da tradução, dentre eles, a tradução literária. O que é traduzir literatura? Qual o limite de intervenção sobre texto original permitido ao tradutor? O que engloba a tradução, além de sua vertente linguística? O que rege uma tradução? Em que meio a tradução se encaixa?

De acordo com Pym (2011 apud BEVILACQUA, 2018, p. 436), por um lado, nos limites acadêmicos, os paradigmas da tradução podem ser segmentados em: teorias da equivalência, da

finalidade, da localização, descritivistas e indeterministas. Por outro lado, para responder às perguntas listadas anteriormente, faz-se necessário observar o ato tradutório, a partir de dois pontos de vista específicos: o descritivista e o funcionalista. Esta constatação se baseia na perspectiva de que, por meio das observações propostas por estudiosos que adotam essa abordagem teórica, poder-se-ia observar como “as traduções são ou *poderiam ser*” (PYM, 2017, p. 132) redigidas, com base nos diferentes fatores condicionantes que as circundam.

2.4 A tradução como uma prática interpretativo-comunicativa, subordinada às condições sócio-histórico-culturais

A tradução, qual Gutt (2000) a define, é uma prática interpretativo-comunicativa presente no entrelugar de duas línguas e de duas culturas, que se faz de fio condutor de uma mensagem em língua-fonte, que é escolhida para ser transmitida em língua-meta. Diferente das ideias presentes no senso comum, o processo tradutório envolve muito mais aspectos, além daqueles referentes aos idiomas com os quais se opera. Trabalhar a tradução, com um olhar meramente linguístico, limita sua produção à procura por correspondências, tornando essa atividade, muitas vezes, impossível já que, como afirma Nida:

Duas línguas não são iguais, nem em seus significados dados a símbolos correspondentes, nem em seus modos de encadear estes símbolos em frases e orações; pode-se provar que não é possível a existência de correspondências absolutas entre as línguas. (NIDA, 2012, p. 141, tradução nossa)

O tradutor, detentor de saberes linguísticos e culturais amplos, precisa encontrar recursos necessários, que lhe permitam uma leitura eficiente de um texto original, a fim de transportá-lo para uma língua-meta. Para tanto, ele fará uso de diferentes estratégias tradutórias de modo a tornar o texto-fonte inteligível aos leitores da tradução. Suas escolhas, contudo, para atingir o objetivo ressaltado, devem ser efetivas e adequadas à sua cultura, seguindo uma agenda pré-estabelecida em seu meio social.

Desse modo, podemos dizer que, muito longe

de agir com liberdade, ao menos dentro dos limites linguísticos de seu ofício, o tradutor torna-se subordinado às condições sócio-histórico-culturais, que envolvem a tradução como um todo. Neste sentido, cabe-nos afirmar que condições sócio-histórico-culturais subordinam e orientam o tradutor, desde a escolha do texto estrangeiro a ser traduzido, a construção dos enunciados, passando por suas particularidades, que devem ser ressaltadas na tradução, inclusive os meios utilizados para a solução de impasses inerentes ao processo tradutório. Esse mecanismo de interferência possui diversas peculiaridades que, antes de buscarmos um conceito de tradução e assumi-lo, nesse artigo, queremos explicitá-lo por meio de reflexões, selecionadas de autores do campo dos Estudos da Tradução.

2.5 Os sistemas culturais

A Literatura sempre se apresentou como ponto de contato entre as diferentes realidades que, unidas, configuram a vida humana. Ela é um espaço no qual a língua, a cultura, a sociedade, a política, a economia e a ideologia se correlacionam e interconectam-se, criando laços explicativos, vinculativos intercambiáveis. Na década de 1970, o linguista e sociólogo Even-Zohar, adepto do Formalismo russo, do Estruturalismo de Praga e da Semiótica russa, postulava que, para entender a interconexão daquelas realidades, cada uma com suas devidas particularidades, elas deveriam ser observadas, primeiramente, como unidades em si, o que ele denominou de “sistemas”. Esses sistemas, interligados de maneira dinâmica e interativa, formavam um único “polissistema cultural” de um povo. Por isso, segundo Even-Zohar,

qualquer sistema semiótico (tal como a literatura ou a língua) é apenas um componente de um (poli)sistema maior – o da ‘cultura’, ao qual é subjugado e com o qual é isomórfico [...]. (EVEN-ZOHAR, 1990 apud BATISTA, 2012, p. 190)

Nesse contexto, Even-Zohar percebeu que, em vistas dos diferentes polissistemas existentes, havia entre eles uma hierarquia articulada (BATISTA, 2012, p. 191), ou seja, aqueles que influenciavam ativamente

e diretamente outros polissistemas culturais: eram os polissistemas culturais centrais. Já os polissistemas culturais influenciados por seus “superiores” formavam o grupo de polissistemas culturais periféricos. Essa disposição entre os polissistemas, torna-se, *sine qua non*, indutora das práticas de trocas culturais entre eles. Essas trocas, por sua vez, eram feitas de diferentes maneiras, dentre as quais se colocam as traduções, o subsistema mais ativo do sistema literário — e, pode-se dizer, o mais efetivo no que tange ao contato entre os polissistemas.

Não obstante, esse processo de interligação não se mostra simples, melhor dizendo, a escolha dos textos estrangeiros, o processo tradutório e a recepção de uma tradução não ocorrem de maneira espontânea. Governa-os um corpo regulador, formado por pessoas, grupos e instituições, que guiam as escolhas e os modos como os textos estrangeiros serão traduzidos. Esse corpo é anterior à tradução e exterior aos sistemas literários, formado em meio aos polissistemas culturais nos quais está inserido.

2.6 O mecenato, a ideologia e a poética

Atualmente, estudos já realizados revelam que os textos literários, tanto originais como traduzidos, são pressionados por fatores, que controlam as formas como suas produções devem ser feitas e lidas, além de também nortear a elaboração de um cânone literário específico, assim como aponta Venuti (2019, p. 150). Esses fatores, ao contrário do que requer o senso comum, não são naturais e intrínsecos aos sistemas literários, nem equilibrados somente pela qualidade dos escritos. Governados por fatores externos, esses sistemas são abertos aos sistemas sociais e, por consequência, sofrem manipulações, cujas fontes se alicerçam naquilo que, nos Estudos da Tradução, ficou conhecido como “mecenato” (LEFEVERE, 2007, p. 36).

Na verdade, constituído por indivíduos, instituições, grupos religiosos e classes sociais, o mecenato detém o poder de fomentar ou reprimir as produções escritas, as leituras, as críticas e as traduções de um determinado texto. Com o objetivo de

intermediar as relações existentes entre um sistema literário e os outros sistemas de um polissistema maior, a preocupação do mecenato, em grande parte, refere-se a regular as ideologias presentes nos textos. Por isso, ele opera em profissionais respeitados do campo da Literatura — escritores, críticos, tradutores, acadêmicos, estudiosos, pensadores públicos —, já que eles, conforme Flahaut (1978 apud MAINGUENEAU; CHARAUDEAU, 2020), falam de um lugar que os reconhece, legitima-os e que, ademais, obriga seu interlocutor a se inscrever em um lugar correlativo.

Nesse sentido, como aponta Belsey (2002), censuram-se quaisquer elementos que colidam com as ideologias dominantes, criando um grupo de textos e códigos canônicos, que são distribuídos e interpretados, de maneira conveniente aos mandatários da tradução. Esse arranjo implica a inserção de escritores, tradutores, críticos e de outros profissionais da Literatura — e de seus textos — em espaços pré-estabelecidos pelos mecenas de um polissistema, para serem então legitimados e poderem interagir com o leitor-destinatário. A tradução, nesta perspectiva, produz textos, que trabalham aspectos mais amplos do que as línguas fonte e meta. Em outras palavras, criam-se efeitos de sentido convergentes ou divergentes do original, em favor das condições sócio-histórico-culturais de produção e de tradução. A língua e o texto saem de foco, e a unidade operacional da tradução passa a ser a cultura. Nessa perspectiva, a língua torna-se fruto da cultura, e a expressividade linguística converte-se em um acessório fundamental, se ligado às condições sócio-histórico-culturais.

As decisões do tradutor não se baseiam simplesmente naquilo que se apresenta no original. Por um lado, o tradutor é o responsável por resolver as questões de tradução e realizá-la com a precisão que lhe é imposta e aceita. Os coadjuvantes, por outro lado, decidirão a respeito da terminologia e dos efeitos de sentido que desejam que a tradução tenha sobre o público-leitor ao qual é destinada. Todos esses atores juntos trabalham de forma a alcançar um objetivo específico com o texto-meta.

Não obstante as exigências ideológicas e

aquelas decorrentes das condições sócio-histórico-culturais, as traduções não devem ser vistas como um ponto final no processo. Ela é apenas caminho para outra demanda, pois se criam, por meio do texto traduzido, imagens de sujeitos autores e culturas estrangeiras. Transfiguram-se as razões de ser deste sujeito, e a obra, então, adquire — para além de um novo posicionamento ideológico — uma nova função social.

2.7 A formação de identidades e sujeitos culturais em favor de agendas ideológicas e poetológicas nacionais

Traduzir pressupõe introduzir o Outro, o estrangeiro, em uma cultura diferente da sua. É uma ação que, como postula Vermeer (2012), partindo de expectativas e desejos pré-formulados, busca deslocar, conduzir e inserir um corpo estranho em uma nova situação sócio-histórica-cultural. Para tanto, parte-se de um texto escrito em língua-fonte para alcançar um texto escrito em língua-alvo. Essa desvinculação de seu meio de origem, contudo, afasta o texto estrangeiro de suas tradições formadoras de seus efeitos de sentido; altera-o de forma a domesticá-lo em certa medida. Em vista disso, o Outro é inevitavelmente amoldado às exigências de seu novo público-leitor, e nele são ressaltadas apenas aquelas ideias e características comuns, que, conforme Venuti (2019), circulam naquela situação sócio-histórica-cultural de produção da tradução.

Na verdade, ao fazer uma leitura desse Outro para recomunicá-lo a seus pares, espera-se do tradutor uma neutralidade perante o texto traduzido, mesmo diante das exigências ideológicas. Isso porque se quer reconhecer, por meio de um texto traduzido, a identidade do discurso estrangeiro em um idioma diferente de seu original. Entretanto, a identidade do Outro, para ser compreendida pelo tradutor, passa inevitavelmente por seu filtro cultural, que decorre de sua identidade. Dizer “eles” e “eu” torna-se impossível, já que essa dicotomia funciona como um reflexo, isto é, diz apenas aquilo que o tradutor deseja saber de si mesmo. Para Vermeer (2012), é nesse cenário que

consideramos a tradução como um processo de reformulação do Outro, uma forma de criação de uma “identidade nacional” de uma cultura estrangeira, tendo como base as experiências de seu feitor, de seu público-alvo e dos objetivos a ela impostos por seus mecenas.

Por possibilitar uma comparação do “eu doméstico” com o “Outro estrangeiro”, principia um possível cotejamento. O texto estrangeiro, quando reescrito em outra língua, é feito de modo a suscitar efeitos de sentido compreensíveis em seu novo público leitor. Esse público, diante dessa situação, se reconhece naquilo que lê, já que, por meio de estratégias linguístico-discursivas específicas, as condições sócio-histórica e culturais em que vivem os sujeitos leitores se determinam na/pela linguagem. Legitima-se, por conseguinte, sua realidade, sua nacionalidade, sua essência. Logo, há a possibilidade de um autorreconhecimento e a definição mais precisa de sua identidade nacional.

2.8 Mas afinal, o que é a tradução?

Percebemos pelos conceitos apresentados, que a tradução não pode ser descontextualizada, ou seja, ela deve levar em consideração as condições sócio-históricas e culturais de produção do texto-fonte e do texto-meta. Além disso, devemos observar, também, as operações tradutórias e seus responsáveis, os tradutores, pois são orientados, objetiva e subjetivamente, pelos co-sistemas dos polissistemas nos quais estão alocados e monitorados por mecenas.

Assim, podemos dizer que a tradução é um agir político e ético sobre o outro, tal como Darin (2020) nos retrata. É um processo interpretativo e manipulatório, regido por construtos ideológicos e/ou poetológicos e inserido em um sistema sócio-histórico-cultural de poderes legitimadores, que busca reescrever e recomunicar um texto estrangeiro em uma segunda língua. O objetivo da tradução é suprir as necessidades de uma sociedade, fundamentada na criação de identidades culturais de povos estrangeiros convenientemente objetificadas como base em suas

pautas sociais, políticas, ideológicas. Posto isso, podemos dizer que a tradução não é um agir neutro, pois procura introduzir ou reprimir, num determinado sistema cultural, dispositivos literários, conceituais e epistêmicos, conforme lhe for solicitado ou exigido.

3. Análise

Nessa seção, procedemos à análise de recortes de *Animal Farm* e de *A Revolução dos Bichos*, a fim de examinar a forma como o autor e o tradutor se posicionam culturalmente no funcionamento discursivo. Por considerarmos que o confronto entre os dois discursos se funda sobre uma semântica global, faz-se necessário integrá-los na ordem do linguístico e do cultural. Ressaltamos, aqui, que os recortes analisados foram retirados das edições de *Animal Farm* e de *A Revolução dos Bichos*, publicados, respectivamente, pelas Editoras Houghton Mifflin Harcourt Publishing Company, em 2003, e Companhia das Letras, em 2007.

“There was a **stirring and a fluttering** all through the farm buildings.” (ORWELL, 2003, p. 3, grifo nosso)

“Houve um **silencioso** movimento em todos os galpões da granja.”

(ORWELL, 2007, p. 9, grifo nosso)

Nesse primeiro recorte, *stirring* compreende uma agitação e uma manifestação de alegria e *fluttering* expressa a ideia de uma movimentação hesitante, que é feita de forma a não criar muito alarde. Contudo, considerando o que é proposto na tradução, quando Ferreira opta por utilizar a unidade lexical “silencioso”, busca reduzir a descrição apresentada por Orwell e direciona um efeito de sentido, que leva o leitor para outro caminho. Examinando as condições sócio-históricas de produção do discurso de Orwell, particularmente os efeitos da Guerra Fria, quando os Estados Unidos promoviam uma propaganda anticomunista e pregavam o cuidado contra o perigo, que o comunismo representava, era comum haver referências a uma suposta infiltração “silenciosa” dessa ideologia em diferentes âmbitos dos polissistemas culturais. Por isso, as condições sócio-

histórico-culturais de produção da tradução e sua divulgação refletem uma crítica ao sistema comunista. Nesse sentido, o código linguageiro “silencioso” ajuda na construção de uma relação entre as ações dos animais no enredo, a ideia do movimento comunista em si e as ações tomadas por pessoas adeptas a essa bandeira partidária em meios sociais, como era a Fazenda dos Animais. De fato, o investimento no código linguageiro “silencioso” visa a privilegiar um aspecto de cristalização semântica desse discurso.

“[...] **Rebellion!** I do not know when that **Rebellion** will come, [...]”

(ORWELL, 2003, p. 7, grifo nosso)

“[...] **rebelião!** Não sei dizer quando será esta **revolução**, [...]”

(ORWELL, 2007, p. 14, grifo nosso)

Se, em um primeiro momento, o código linguageiro *Rebellion* foi traduzido como *Rebelião*, em sua segunda aparição, Ferreira a traduziu por *Revolução*. Assim, ao observarmos os efeitos de sentido da escolha linguística tradutória, salientamos que a segunda opção, assumida pelo tradutor, não corresponde àquilo que se materializa em língua inglesa. Segundo o dicionário Cambridge online, *Rebellion* expressa, de um lado, um ato de revolta contra um governo de um país. Por outro lado, na língua portuguesa, o dicionário Houaiss, em sua versão eletrônica, atribui à *Revolução* a seguinte carga semântica: “movimento de revolta contra um poder estabelecido, que visa a promover mudanças profundas nas instituições políticas, econômicas, culturais e morais.” Já no que tange ao código linguageiro *rebelião*, diz: “insurreição contra autoridade ou ordem estabelecida, com manifestação armada.” Com base no valor semântico dessas unidades linguísticas, podemos afirmar que, em ambas as línguas, elas se aproximam e adquirem estatuto de pertencimento, nesse espaço discursivo. Entretanto, podemos afirmar que *revolução* amplia o campo semântico ao político, à medida que abrange mudanças sociais profundas, tais como mudança de governo, diferentemente do que apreendemos em

rebellion e *rebelião*. O posicionamento na tradução prioriza a subjetividade do tradutor em detrimento da informação e confere ao texto um novo efeito de sentido, que nos remete às revoluções ocorridas no cenário testemunhado pelas condições sócio-históricas da produção do discurso, principalmente, às que se referem à Revolução Cubana.

“The **wild creatures**, such as rats and rabbits, [...]”

(ORWELL, 2003, p. 7, grifo nosso)

“As **criaturas rebeldes**, tais como ratos e coelhos,
[...]”

(ORWELL, 2007, p. 14, grifo nosso)

Nesse terceiro recorte, observamos que Orwell, ao descrever os animais que não eram propriedade da Granja do Solar, ele os qualifica como *wild*, ou seja, selvagens, não domesticados, ao passo que Ferreira traduziu esse código linguageiro por *rebeldes*, cuja carga semântica designa aqueles que desrespeitam às ordens. No entanto, o fato de não se subordinarem às regras propostas pelos animais da Granja do Solar, não transformava em rebeldes aqueles seres, mas em animais silvestres. Desse modo, vemos que a escolha de Ferreira em sua tradução revela-nos como ele manipula o discurso traduzido, na medida em que faz escolha político-linguística, para dar ao texto traduzido uma nova identidade, diferente da contida no original. Observamos, ainda, que no funcionamento discursivo, o fato de o Velho Major, ser considerado o incitador da ideia de uma rebelião, permite-nos mostrar que a escolha de *rebeldes* seja vinculada à opinião pública. Uma perspectiva sociopolítica aponta o Velho Major como a personificação de Karl Marx; por isso, em seu discurso, o tradutor evidencia sua intencionalidade em adequar a fala do personagem e conectá-la às figuras comunistas daquele período histórico à sua suposta visão sobre aqueles que não se subordinavam às ordens de seus superiores e que, por consequência disso, seriam mortos no final da narrativa.

“**Bright will shine the fields of England**, / Purer
shall its water be, / Sweeter shall blow its breezes /
On the day that set us free.”

(ORWELL, 2003, p. 9, grifo nosso)

“*Lindos campos da Inglaterra*, / Ribeiros com águas puras, / Brisas leves circulando, / **Liberdade nas alturas.**”

(ORWELL, 2007, p. 16, grifo nosso)

Nesse recorte, lembramos enunciados retirados da composição musical, apresentada no primeiro capítulo do discurso de Orwell. Neles, o autor elabora uma descrição fantasiosa e utópica daquilo que poderia ser alcançado pelos animais, caso trabalhassem em prol da liberdade. Embora a descrição revele um caráter imaginativo, específico do gênero de discurso fábula, sua compreensão exprime, também, certa esperança àqueles que a escutam e cantam-na. Contudo, na tradução para o português brasileiro, a canção ganhou um tom ainda mais imaginativo. Em “liberdade nas alturas” e em “lindos campos da Inglaterra”, Ferreira transforma o objetivo dos animais em algo utópico e cria um alerta quanto às armadilhas presentes na idealização da rebelião, mostrando que aquilo não passa de simples abstrações inalcançáveis e falaciosas.

“They explained that by their studies of the past three months the **pigs had succeeded in reducing** the principles of Animalism to Seven Commandments.”

(ORWELL, 2003, p. 16, grifo nosso)

“Explicaram que, segundo os estudos que haviam feito nos últimos três meses, **era possível resumir** os princípios do Animalismo em Sete Mandamentos.”

(ORWELL, 2007, p. 24, grifo nosso)

Interligado à análise do código linguageiro “silencioso”, analisado no primeiro recorte, o uso da expressão linguística “era possível” apaga uma afirmação apresentada no discurso de Orwell e transforma-a em uma simples especulação, na tradução. Dizer que os porcos afirmavam “*ser possível* reduzir os princípios do Animalismo em sete Mandamentos”, contraria o original, pois nele se diz que eles efetivamente “*conseguiram reduzir* os princípios do Animalismo em Sete Mandamentos”. Isso revela, mais uma vez, que aquela ideia de que as ações tomadas pelos adeptos e líderes do movimento, eram obscuras com o objetivo de manipular seus

subordinados, assim como se suponha que ocorresse na Guerra Fria pelos propagadores dos supostos ideais comunistas da época.

4 Considerações Finais

Embora, na atualidade, o conceito de tradução aborde diferentes perspectivas, parece-nos haver um consenso de que a tradução objetiva a comunicação. Tendo isso em vista, podemos observar determinadas possibilidades no processo tradutório, tais como a clareza da informação ao leitor e a submissão às condições sócio-históricas e culturais de produção do texto traduzido.

Os resultados de nosso estudo revelam que os discursos literários *Animal Farm* e *A Revolução dos Bichos* não se constituem somente em um espaço de confrontos estético-políticos, mas também em um lugar onde o tradutor se coloca em relação de concorrência cultural com o autor. Nesse aspecto, o tradutor enfatiza a clareza do texto, o ponto de vista cultural e investe na historicidade das relações entre língua-fonte e língua-meta, no código linguageiro, como registro de posicionamentos estético-linguísticos e discursivos, revelados, principalmente, por meio das condições sócio-históricas da produção e da tradução. Portanto, a interface entre a Linguística, em uma abordagem discursiva, e os Estudos da Tradução pode nos abrir novas possibilidades de investigação dos processos tradutórios do discurso literário. O estudo dos discursos literários de Orwell e de Ferreira comprovam-nos a relevância da cultura na relação de concorrência entre autor e tradutor.

Referências

- BATISTA, Eduardo Luís Araújo de Oliveira. Poética em conflito: a literatura brasileira traduzida por Elizabeth Bishop no contexto de trocas culturais Brasil x EUA. *Revista TradTerm*, São Paulo, v. 19, p. 188 – 213, nov. 2012.
- BELSEY, Catherine. The work of reading. In: BELSEY, Catherine (Org.). *Critical Practice*. 2. ed. Londres/Nova Iorque: Routledge, 2002. 143 p. p. 85 – 101.
- BEVILACQUA, Cleci Regina. As propostas de Nord e Hurtado Albir: aproximações teóricas nos estudos da tradução. *Revista Delta*, São Paulo, v. 34, n. 1, p. 435-448, 2018.
- CARVALHO, Celso. O simpósio "A educação que nos convém: o lpes e a ação político-ideológica da burguesia na década de 1960". *EccoS Revista Científica*, São Paulo, v. 9, n. 2, p. 369-385, jul.-dez. 2007. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/715/71590207.pdf>. Acesso em: 15 nov. 2020.
- CARVALHO, Christian Hygino. *A Revolução dos Bichos, de George Orwell: tradução e manipulação durante a ditadura militar no Brasil*. 2020. 112 f. Trabalho de Conclusão do Curso de Letras Estrangeiras Modernas, Instituto de Ciências Humanas e de Letras, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2020. Disponível em: <https://www.ufjf.br/bacharelado/tradings/files/2011/02/Cristian.pdf>. Acesso em: 15 nov. 2020.
- CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. *Dicionário de Análise do Discurso*. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2020. 555 p.
- DARIN, Leila Cristina de Melo. A tradução cultural como metáfora. *Revista Intercâmbio*, v. 43, p. 47-66, 2020. Disponível em: https://revistas.pucsp.br/intercambio/article/viewFile/42785/31889#:~:text=A%20met%C3%A1fora%20%E2%80%99C%3%A7%C3%A3o%20cultural%E2%80%9D%2C,chamados%20a%20negociar%20suas%20diferen%C3%A7as_ Acesso em: 15 nov. 2020.
- DEUSDARÁ, Pâmella Passos. A Conquista do Estado para além das Armas. O IPES como órgão produtor de consenso. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 24., 2007, São Leopoldo, RS. *Anais do XXIV Simpósio Nacional de História – História e multidisciplinaridade: territórios e deslocamentos*. São Leopoldo: Unisinos, 2007. P. 1-9. Disponível em: <http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/anpuhnaional/S.24/ANPUH.S24.1167.pdf>. Acesso em: 15 nov. 2020.
- EVEN-ZOHAR, Itamar. The position of translated text with the literary polysystem. In: VENUTI, Lawrence (Org.). 3. ed. *The translation studies reader*. Londres/Nova Iorque: Routledge, 2012. 546 p. p. 162-167.
- GILBERT, Martin. *A História do século XX*. 1ª ed. São Paulo: Planeta, 2016. 856 p.
- GUTT, Ernst-August. Context and the principle of relevance. In: GUTT, Ernst-August. *Translation and relevance: cognition and context*. 2. ed. Londres: Routledge, 2000. 271 p. p. 26-34.
- LEFEVERE, André. O sistema: mecenato. Tradução de Cláudia Matos Seligman. In: LEFEVERE, André (Org.). *Tradução, reescrita e manipulação do texto literário*. 1ª ed. Bauru, SP: Edusc, 2007. 264 p. p. 29-49.
- LEFEVERE, André. Text, system and refraction in a theory of literature. In: VENUTI, Lawrence (Org.). 3. ed. *The translation studies reader*. Londres/Nova Iorque: Routledge, 2012. 546 p. p. 203-219.
- LEFEVERE, André. *Translation, rewriting and the manipulation of literary fame*. Londres: Routledge, 1992. 176 p.
- MAINGUENEAU, Dominique. A Análise do Discurso e suas fronteiras. *Matraga*, Rio de Janeiro, v. 14, n. 20, p. 13-37, jan./jul. 2007. Disponível em: <http://www.pgletras.uerj.br/matraca/matraga20/arqs/matraca20a01.pdf>. Acesso em: 20 nov. 2020.

MAINGUENEAU, Dominique. Discurso e Análise do Discurso; tradução Sírio Possenti. São Paulo, Parábola, 2015. 189 p.

MAINGUENEAU, Dominique. Discurso Literário, São Paulo, Contexto, 2018. 336 p.

MORAES, José Geraldo Vinci de. História: geral e Brasil. 1ª ed. São Paulo: Atual, 2003. 496 p.

NIDA, Eugene. Principles of correspondence. In: VENUTI, Lawrence (Org.). 3. ed. The translation studies reader. Londres/Nova Iorque: Routledge, 2012. 546 p. p. 141-155.

ORWELL, George. A Revolução dos Bichos. Tradução Heitor Aquino Ferreira. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. 147 p.

ORWELL, George. Animal Farm. 1. ed. Nova Iorque: Houghton Mifflin Harcourt Publishing Company, 2003. 385 p.

PELISSOLI, Marcelo. From allegory into symbol: revisiting George Orwell's Animal Farm and Nineteen Eighty-Four in the light of the 21st century views of Totalitarianism. 2008. 112 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/15320/000677906.pdf>. Acesso em: 15 nov. 2020.

PEN, Marcelo. O animal se torna humano e o humano, animal (um esclarecimento). In: ORWELL, George. A fazenda dos animais: um conto de fadas. Tradução de Paulo Henriques Britto. 1 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2020. 276 p. p. 128-151.

PEREIRA, Aline Andrade. Esclarecer e doutrinar: o Projeto ideológico do Ipês. Revista Lumina, v. 7, n. 2, 13 dez. 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/lumina/article/view/21077/11452>. Acesso em: 15 nov. 2020.

PYM, Anthony. Explorando as teorias da tradução. 1ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2017. 324 p.

SCHERMACK, K. Q & FREITAS, E.C. A formação discursiva e as condições de produção no discurso vieiriano: uma análise do sermão de Santo Antônio. Revista Moara, n. 37, p. 45-59, jan.-jun. 2012. Disponível em: <https://www.periodicos.ufpa.br/index.php/moara/article/view/1347/1783>. Acesso em: 15 nov. 2020.

SHUTTLEWORTH, Mark; COWIE, Maria. Dictionary of Translation Studies. Nova Iorque: Routledge, 2014. 252 p. p. 141 – 142.

TECCHIO, Iliane; LIMA, Ronaldo. Heitor Aquino Ferreira. Dicionário de Tradutores Literários no Brasil, 2012. Disponível em: <https://dicionariodetradutores.ufsc.br/pt/HeitorAquinoFerreira.htm>. Acesso em: 15 nov. 2020.

VENUTI, Lawrence. A formação de identidades culturais. In: VENUTI, Lawrence. Escândalos da Tradução: por uma ética da diferença. Tradução de Laureano Pelegrin, Lucinéia Marcelino Villela, Marileide Dias Esqueda e Valéria Biondo. São Paulo: Editora Unesp, 2019. 421 p. p. 137-177.

VENUTI, Lawrence. The translator's invisibility. In: VENUTI, Lawrence. The translator's invisibility: a history of translation. Londres: Routledge, 1994. 344 p. p. 1-42.

VERMEER, Hans. Skopos and commission in the translation act. In: VENUTI, Lawrence (Org.). 3. ed. The translation studies reader. Londres/Nova Iorque: Routledge, 2012. 546 p. p. 191-202.

COMO CITAR ESSE ARTIGO

DE ALMEIDA, Paulo Garcia; NASCIMENTO, Jarbas Vargas. Língua e a discursividade na tradução do literário. Signo, Santa Cruz do Sul, v. 46, n. 87, sep. 2021. ISSN 1982-2014. Disponível em: <<https://online.unisc.br/seer/index.php/signo/article/view/16528>>. doi:<https://doi.org/10.17058/signo.v46i87.16528>.